

ATUALIDADE

Bruxelas reforça união aduaneira

A Comissão Europeia lançou um novo plano de ação para a união aduaneira que estabelece uma série de medidas destinadas a tornar as alfândegas da UE mais inteligentes, inovadoras e eficientes nos próximos quatro anos. O plano de ação apresentado inclui uma série de iniciativas em domínios como a gestão dos riscos, a gestão do comércio eletrónico, a promoção do cumprimento das regras e a atuação das autoridades aduaneiras como uma entidade única.



PAULO VAZ
Jurista e Gestor

Resiliência e coragem: a lição do têxtil ao país

A indústria têxtil e vestuário portuguesa continua a dar lições ao país.

De resiliência, de capacidade de adaptação e de inovação permanente, mas sobretudo de coragem. Coragem de agir, de fazer, de realizar, o que contrasta dramaticamente com o que o país, de um modo geral, nos vem habituando: especular, teorizar, fazer diagnósticos e estudos, encontrar desculpas e justificações para se manter paralisado ou carpir a má sorte.

Depois de mais de 10 anos a crescer, tendo sobrevivido a uma dura década de choques competitivos, decorrentes da globalização descontrolada e da entrada da China na OMC, a que se juntou a crise financeira global, a adesão ao euro e o alargamento a Leste da União Europeia, a indústria têxtil e vestuário nacional, tal como outras atividades tradicionais do país, enfrentava no início de 2020, a perspectiva de uma mudança ditada pela alteração dos hábitos de consumo de novas gerações, mais informadas, mais exigentes e mais comprometidas com a sustentabilidade ambiental e social. O paradigma estava em transformação e muitas empresas do sector estavam a adaptar-se para terem um lugar no futuro, mesmo que isso determinasse reestruturações penosas e o desaparecimento em definitivo de muitas organizações ineficientes. Sem dramas. A epidemia da Covid-19, que ainda estamos a viver, apanhou o setor têxtil nacional de surpresa, como todos os restantes por esse mundo, obrigando-o a decisões rápidas e destemidas. A escolha para muitas das empresas da fileira foi encontrar alternativas ou simplesmente morrer. E a resposta chegou, para uma grande maioria, na diversificação de atividades, servindo o mercado naquilo que ele necessitava mais, de forma desesperada. Não deixa de ser espantoso como, em escassas semanas, fábricas de tecidos, malhas e confeções se reconverteram em produtores de equipamentos de proteção individual, realizando máscaras sociais e batas sofisticadas para uso hospitalar, fornecendo o mercado interno e externo, garantindo a sobrevivência onde ela parecia impossível. Releva-se aqui, igualmente, o papel decisivo do principal centro de competências e inovação aplicada do sector, o CITEVE, que, através da certificação dos produtos, por via da publicação de normativos claros e transparentes, assegurou que se cumprissem as diretrizes de saúde pública e evitou que os habituais (e previsíveis) aventureiros se aproveitassem da situação, ganhando dinheiro com a desventura alheia. Até isto foi extraordinário, sendo realçado

aquém e além-fronteiras, consolidando a credibilidade e a excelência de que a indústria têxtil e vestuário gozava já à escala global.

Esta conversão rápida, mas assistida e sustentada, permitiu que muitas empresas mantivessem a sua atividade e assegurassem os empregos, no momento em que o desastre parecia iminente e irreversível, do mesmo modo que possibilitou que novos departamentos fossem criados, desenvolvendo novos produtos, com elevado grau de inovação e eficiência, que irão perdurar muito para lá da pandemia, mesmo quando as atividades produtivas da cadeia de valor se normalizarem.

Finalmente, celebrando esta capacidade de resistência e de adaptação limite nas mais extremas circunstâncias, há que sublinhar a coragem dos organizadores do Salão Modtíssimo em optar por realizar a sua edição de Verão nos passados dias 23 e 24 de setembro, sendo a primeira grande feira da indústria da moda a fazê-lo, em plena pandemia, nunca descurando as medidas de segurança máxima para expositores e visitantes, mas dando um valioso sinal de esperança para todos os seus profissionais, que, certamente, terá efeitos muito positivos no futuro. Mesmo nestas circunstâncias difíceis, para alguns tidas como impossíveis, a edição 56 do Modtíssimo fará história, pois nunca descontinuou, nunca desistiu, tal como não desistiram os 200 expositores que nele marcaram presença – um número quase igual aos dos melhores certames –, assim como os visitantes nacionais e internacionais (estes acorreram até com um número surpreendente, batendo recordes) e jornalistas, alguns que não hesitaram em vir de países como os Estados Unidos, a que a União Europeia restringe acesso, a não ser por ponderoso justificativo. Este espírito é decisivo na recuperação e é um exemplo que o país pode acolher e replicar. Pelo exemplo e não pela retórica. Desde abril, quando as quebras de exportação do setor bateram os piores registos de sempre, em cada mês depois dessa data os dados vão mostrando recobro, antecipando que, no final do ano, as perdas, embora significativas, serão bem menores que as previsões mais pessimistas, abrindo terreno para que o próximo ano traga um crescimento robusto, com o regresso das feiras internacionais e da normalização do comércio internacional. Sobreviver e voltar sempre mais forte faz parte do DNA da indústria têxtil e vestuário portuguesa, que, uma vez mais, se apresenta como um “case study” global, para orgulho de todo o país.

Portugal recebe 5,9 mil milhões através do SURE

A União Europeia aprovou a proposta de conceder um apoio financeiro de 87,3 mil milhões de euros a 16 países da União no âmbito do SURE, um instrumento desenhado para proteger o emprego. Portugal vai receber 5,9 mil milhões de euros, sob a forma de empréstimos concedidos pela UE em condições favoráveis. Estes empréstimos ajudarão a fazer face aos aumentos súbitos da despesa pública, a fim de preservar o emprego. Portugal poderá cobrir os custos relacionados com o seu regime de tempo de trabalho reduzido.

NOVOS ARTIGOS DISPONÍVEIS NO SITE VIDA ECONÓMICA

www.vidaeconomica.pt

JACK SOIFER
Jack Soifer @VIDAeconómica



COMBUSTÍVEIS PÓS-COVID-19

A pandemia trouxe-nos a rara oportunidade de rever o que se usa e polui e usar novas tecnologias. A McKinsey publicou nesta crise bons estudos, como este, com PME e profissionais de alto nível. Dos respondentes, 54% dizem estar muito preocupados com as mudanças climáticas

e 53% que as companhias aéreas deveriam tornar-se neutras em carbono. Um quilo de jet-fuel produz 3,15 kg de CO₂. Dos jovens de 18-34 anos 56% querem pagar até US\$20 mais pelo voo neutro em carbono; acima de 65 anos, só 34% pagariam. No 1º grupo, 40% querem voar menos; no 2º apenas 18%.



JOSÉ VARELA GOMES
Professor Especialista
do Coordenador de Licenciatura em Gestão Hotelaria
ISAC – Guimarães Business School

AS ESTRATÉGIAS ERRADAS PARA O NOVO AEROPORTO DE LISBOA E A TAP

Uma das características mais vincadas do território português é claramente a sua diversidade, seja em termos paisagísticos, culturais, gastronómicos e arquitetónicos de variados tipos.

São exemplo os 17 sítios classificados pela UNESCO como Património da Humanidade que se distribuem pelo território de forma uniforme: Porto e Norte (5), Açores (2), Madeira (1), Lisboa

e Vale do Tejo (4), Centro (3) e Alentejo (2).

A entrada de turistas por via aérea pode-se fazer através de 7 aeroportos internacionais ativos, nomeadamente, Lisboa, Faro, Funchal, Porto, Ponta Delgada, Lajes da Terceira e Santa Maria, havendo um aeroporto com capacidade de operar com voos internacionais mas atualmente inativo que é o de Beja.



JOSÉ BOURDAIN
Presidente da Direção
ANCO - Associação Nacional dos Cuidados Continuados

PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

Embora sem detalhar, o Governo anunciou 200 milhões de dinheiros europeus para a criação de mais 8000 camas em cuidados continuados.

Não sabemos se será esse, efetivamente, o número de camas em falta. Para tal seria necessário avaliar o número de camas/utentes em contexto hospitalar e a necessidade de outras respostas “versus” o número de doentes em cuidados

continuados com alta clínica e social e que aguardam outra resposta social ou mesmo ir para casa “versus” o número de pessoas em lares que deveriam estar em contexto hospitalar ou em cuidados continuados. Só depois de analisar estes números (e não é difícil fazê-lo, basta vontade e competência – que é algo que infelizmente não existe) se pode precisar quantas camas em cuidados continuados serão necessárias.



MÁRIO FROTA
adido - DIREITO DO CONSUMO - Coimbra

AS VIAGENS DO NOSSO DESCONTENTAMENTO PASTO DE UM PROFUNDO LAMENTO:

VIAJANTES EM TERRA, DIREITOS AO AR...

Do preâmbulo do Decreto-Lei n.º 62-A/2020, de 3 de setembro revogou a norma do Decreto-Lei n.º 17/2020, que mandava “reagendar as viagens canceladas ou substituí-las por um vale só resgatável em 2022”.

Os reagendamentos efetuados e os vales emitidos são, na óptica do Governo de Lisboa, intocáveis. Logo, os reembolsos não

serão possíveis, a não ser lá para o raio de 2022... De onde decorre, pois, que os reembolsos reclamados a partir de 4 de setembro terão de ser satisfeitos, mas os que caíram sob as garras da legislação contrária aos ditames da Diretiva Europeia de 2015 e da correspondente legislação nacional de 2018 não serão contemplados senão a partir de janeiro de 2022.



PAULA ANTUNES DA COSTA
Country Manager da Visa em Portugal

PEQUENOS MAS RESILIENTES: COMO O DIGITAL AJUDOU AS PME A MANTEREM OS SEUS NEGÓCIOS

Se há uma verdade inquestionável sobre a economia portuguesa, é que as PME são o coração do nosso ecossistema empresarial. Dados do Eurostat revelaram, no ano passado, que Portugal é o segundo país da União Europeia onde as PME têm maior peso. Uns impressionante 99,3% do total das PME portuguesas são pequenas empresas, com menos de 50 funcionários, o restante são empresas de média dimensão. Tendo em conta

estes números, é fácil concluir que estas empresas foram fortemente penalizadas durante o período de confinamento, o que deixou muitas delas numa posição delicada algumas a lutar mesmo pela sua sobrevivência. Com poucos funcionários e alta dependência na cadeia de abastecimento, as PME viram-se no meio de uma tempestade, sem qualquer oportunidade de desenhar um plano para responder a estes tempos difíceis.



Ver versão integral:
www.vidaeconomica.pt